

A VIAGEM – E la Nave va...

Dorotea Cuevas Fracalanza¹

Foi em março de 1993, inspirada por um debate do qual participei, em que se confrontavam as perspectivas através das quais ecólogos e geólogos analisavam a interferência do homem na dinâmica de funcionamento da biosfera, que escrevi essa alegoria.

Causou perplexidade a argumentação de que, embora as intervenções do homem sobre a natureza sejam realmente graves como propalam os ecólogos, examinadas na perspectiva da Geologia, elas não representam ameaça maior ao equilíbrio terrestre do que aquela decorrente de alterações espontâneas do planeta. Estas, independentes da intervenção humana e, pelo menos até o momento, longe de poderem ser controladas.

Sem encontrar respostas claras às questões que haviam sido colocadas, ao sair do debate, tive a certeza de que muitos dentre os que nele se envolveram tenham resistido, como eu, a abandonar o torvelinho de idéias no qual fôramos mergulhados. Afinal, o que significa para cada um de nós, a responsabilidade de zelar pelo equilíbrio natural? Qual seria a dimensão, no tempo e no espaço, do equilíbrio que nos interessa? Sem respostas imediatas, encontrei na criação do texto alegórico — *E la nave va..* — uma forma de aplacar parte de minha ansiedade e, também, de redimir-me pelo silêncio em que mergulhara diante de tão profunda perplexidade.

Enquanto ainda trabalhava, eu alimentava um sonho cuja realização, na época, seria totalmente inviável: desejava viajar, mas que não fosse uma viagem comum. Ambicionava algo extravagante, inusitado, ousado mesmo; algo que poucos houvessem feito. Às vésperas de minha aposentadoria, caiu-me em mãos um folheto curiosíssimo no qual se anunciava uma viagem cujo principal destaque não era o destino a seguir, como de hábito divulgam tais prospectos, mas sim o meio de transporte que seria utilizado: no caso, uma Nave que se dizia antiqüíssima. Para obter informações os interessados deveriam dirigir-se ao endereço ali divulgado, com a promessa de que teriam sua curiosidade e dúvidas integralmente satisfeitas pelo funcionário de plantão. Minha intuição, na qual sempre confiei, dizia-me que era chegada a hora de realizar meu grande e tão longamente acalentado sonho.

Meu entusiasmo era tanto, que aguardar minha vez diante de um balcão de informações para indagar sobre as condições de uma viagem cujo destino era-me ignorado, em nada me parecia estranho. Observei que o senhor que ali atendia, já ia avançado em idade, tinha um ar confiável e mostrava-se extremamente solícito. Chegada minha vez, sem saber como começar, esbocei um sorriso diante de um

¹ Professora doutora aposentada da Unicamp.

par de olhinhos vivos e inquiridores. Percebendo minha hesitação, ele logo tomou a iniciativa começando a falar e enquanto o fazia, notei que seu semblante se iluminava, satisfeito por poder ajudar-me.

"A senhora não se preocupe, temos aqui um aparelho muito antigo, sem dúvida, mas tão perfeito que é difícil supor que possa vir a ser superado. Se há risco de ele ser destruído? Dizia ele repetindo em voz alta a pergunta que eu tinha em mente, mas que sabia não fizera. Diria, continuou ele, que a curto ou médio prazo esse risco é praticamente nulo. No entanto, agora estou me lembrando... Já houve ocasiões em que parte dos passageiros desapareceu em pleno percurso... Mas isso foi há muito tempo... Na verdade não quero lhe enganar, às vezes ocorrem alguns incidentes, sim... Mas, nem tão freqüentes ou tão graves que representem caso para muito alarde..."

Senti-lo reticente deixou-me intrigada. Ávida por mais detalhes, encorajei-me a questioná-lo. Quis saber que tipos de problemas teriam ocorrido. Saber se poderiam ter sido eles evitados? Se seria possível ter certeza de que a Nave não corria risco iminente de ser destruída.

Percebi que a precipitação com que fiz essas perguntas denunciava minha ansiedade, contudo isso não pareceu perturbá-lo. Ao respondê-las, sempre com calma, ele o fazia com ares de quem soma muito conhecimento a uma longa experiência. Segundo disse, as causas primárias dos problemas poderiam ter origem em duas fontes distintas: na própria estrutura da Nave, sujeita a rearranjos espontâneos, e no comportamento inadequado de viajantes irresponsáveis. "Sabe como é...", disse-me ele, "alguns abusam... excedem-se... às vezes até mesmo por ignorância, e acabam criando confusão. No entanto, os problemas de maior gravidade não são eles que os provocam, são os que decorrem de ajustes da própria fuselagem. Muitas vidas já foram ceifadas nessas circunstâncias". Parecendo conformado, ele mesmo concluiu: "É assim mesmo, uns vem, outros vão... Mas, embora se trate do óbvio e mesmo como tal isso possa parecer-lhe chocante, eu diria que a própria existência da Nave testemunha que jamais ela foi abalada por um colapso total".

A despeito de tudo que ouvia, ou mais exatamente, em virtude de tudo que ouvia, sentia-me cada vez mais fascinada, tendo claro que minha curiosidade tornava-se cada vez maior que o medo que sentia. Num monólogo interno, que supunha ser inaudível, eu ponderava a questão da segurança da Nave. Com tantos recursos novos, será que não haveria algo a ser feito que pudesse diminuir o risco de ocorrerem tais incidentes? Impossível ninguém ter descoberto isso! Contudo, esse era o tipo de preocupação que parecia não ter razão de ser, uma vez que todas as avarias até então ocorridas em nada ameaçaram a integridade da Nave. Empolgada, já ouvindo o som de minha própria voz, dei-me conta de que o mesmo não se poderia afirmar sobre seus passageiros... O que, digamos, é o que mais interessaria... Sim, apesar de todo o egoísmo aí contido, tinha claro que isso é o que mais interessa... O que mais me interessaria... Animado por meu vivaz interesse o homenzinho, que até então se fizera um tanto contido em seu entusiasmo, recomeçou sua fala.

"Bem, serei sincero consigo, pois percebo que a senhora está realmente interessada nessa questão. Normalmente, quando me pedem alguma informação

e começo a falar, talvez até demais, como é próprio dos velhos que já tanto conhecem, noto que as pessoas se mostram distraídas, que logo desistem de ouvir-me. Mas, vejo que não é esse seu caso. Sinto-me tentado, até mesmo, a confiar-lhe algo que para mim tem sido uma questão nova e intrigante.”

Deteve-se uns instantes, como que considerando a propriedade do que estava por dizer e, logo a seguir, começou um longo relato: “O fato é que recentemente, chegou a bordo um tipo especial de passageiro e com ele surgiu um problema que nunca tínhamos enfrentado. Diferentemente do que sempre ocorreu, e ainda ocorre, com os demais passageiros, esse novo grupo torna-se cada vez mais numeroso e isso nos tem trazido alguns transtornos. Por vezes faltam-lhes provimentos, alguns reclamam, chegando mesmo a se desentender. E, como é próprio em casos de discórdia, sempre há aqueles que acabam sendo mais penalizados”.

“Outro problema que tem surgido com certa freqüência”, continuou ele, “diz respeito às acomodações. Sem dúvida, ainda temos espaço, mas muitos dos passageiros mostram franca preferência por certos lugares. E, ao que parece não se incomodam muito se o lugar que querem está ou não ocupado, vão invadindo. Curioso é que poucos são aqueles que reagem. Mas, quando isso ocorre, eles próprios, bem ou mal, procuram resolver. Também tem havido reclamações sobre a temperatura de bordo. Pelo que eu sei andaram mexendo no sistema de aquecimento e parece que o resultado não está agradando. Aliás, ultimamente, noto que o descontentamento entre eles mesmos parece ter-se alastrado. Pelo que eu soube, as condições nas quais alguns estão sendo obrigados a viajar são muito ruins. Isso tem levado a muitas discussões. Vez ou outra parece que eles concordam, mas, dificilmente os mais bem acomodados se conformam com restrições”.

Nesse ponto, mudando o tom de sua fala, o ancião pareceu lembrar-se a que vinha eu:

“Mas... eu falando assim... a senhora vai acabar concluindo que não vale a pena viajar. Pensando bem, acho que para muitos a viagem em si mesma é mesmo bem difícil... Para outros, nem tanto... Mas saiba, poucos são os que desistem. E, como não poderia deixar de ser, os mais animados não abrem mão dessa oportunidade única e sempre usufruem ao máximo tudo que lhes é oferecido. Ontem mesmo...”

Não propriamente desinteressada, mas já um tanto absorta, eu repassava em pensamento certas assertivas que dele ouvira: “Incidentes graves fizeram com que hordas de passageiros desaparecessem durante o percurso... Recentemente uma nova população vem sofrendo (ou seria causando?) problemas com alimentação, espaço, temperatura ambiente... Há problemas que se acumulam e não estão sendo resolvidos...”.

Sem dar-me conta do tom mais alto e inquiridor que usei nessa hora, dirigi-me ao velhinho cobrando dele uma explicação: “E, com tudo isso, o senhor avalia

que a Nave esteja em segurança? E diz que o que ocorre não é caso para muito alarde?”.

“Veja bem, minha senhora...,” respondeu ele sem alterar a entonação respeitosa de sua fala, que agora soava como se estivesse se desculpando: “se eu bem a compreendi, sua preocupação inicial dizia respeito à Nave. E, quanto a isso, tudo o que eu lhe disse, e agora repito, procede: A curto ou médio prazo o risco de a Nave ser destruída é praticamente nulo”. “No entanto”, prosseguiu ele, animado pelo interesse por si demonstrado, “acabei por lhe confidenciar alguns incidentes que temos tido mais recentemente a bordo. É notório que devido a um modo peculiar de viajar, certos passageiros vêm criando vários problemas que não só os afetam diretamente, como também põem em risco outros grupos.” Fazendo uma pequena pausa, mas quase sem se deter, o homenzinho prosseguiu: “Agora creio haver entendido o que se passou consigo. Diria até que já vivi uma sensação como essa. Quando se pensa nos passageiros, nos problemas que os afligem, a gente acaba esquecendo o resto. No entanto, para ser franco, devo lhe dizer que apesar desses inconvenientes todos de que lhe falei e que a senhora tão bem resumiu, até hoje, guardadas as devidas proporções, nenhum tipo de passageiro chegou a causar à Nave, transtornos maiores do que aqueles decorrentes dos ajustes de sua própria estrutura. Pelo que tenho ouvido, já são muitos os que dizem que, do jeito que estão, as coisas não podem continuar. Bem mais preocupados com a própria pele, do que com o destino da Nave, é certo, começam a se organizar para fazer algo que minimize seus problemas. Suas iniciativas parecem ser as mais variadas. Outro dia mesmo, apareceu um grupo interessado em conhecer o projeto de construção da Nave. Crêem que seja importante saber como as coisas funcionam. Outros, segundo observo, estão ocupados em estabelecer novas regras de comportamento... A meu ver a preocupação que os move é legítima, contudo as dificuldades que encontram para se fazerem entender parecem ser muito grandes! O maior risco, a meu ver, é as coisas acabarem se complicando de tal forma que, quando derem por si, não tenham mais condições de prosseguir viagem.”

Nesse momento, temerosa de haver compreendido seu recado, querendo aproveitar aquela que talvez fosse minha derradeira chance de perceber que estava equivocada, resolvi insistir naquela que fora minha primeira preocupação: “E a Nave?”.

“A Nave?” disse ele. “Hum! É bem provável que ela continue por aí. Só uma situação terrivelmente catastrófica poderia fazê-la soçobrar. Mas, pelo jeito, esse risco parece ser bem pequeno...”.

Atônita e emudecida, eu que imaginara não poder mais ser surpreendida, fui forçada a reconhecer o bom humor com que ele me fez uma última pergunta: “Pois é a senhora puxou prosa... Ficamos aqui conversando... Eu me distraí... Mas, e daí, decidiu viajar?”.